



## OS SÁBIOS TOLOS A BORDO DA BARCA – UMA CRÍTICA À SOCIEDADE EUROPÉIA EM A NAU DOS TOLOS DE SEBASTIAN BRANT

Felipe André Gomes Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como finalidade expor um pouco da sociedade “alemã”, sobretudo o sistema universitário e os estudantes, no fim da Idade Média através da sátira escrita pelo alsaciano Sebastian Brant (1457-1521) em sua maior obra, *Das Narrenschiff*.

**Palavras-chave:** Literatura dos Tolos, Sebastian Brant, xilogravura, sátira, Sacro Império Romano Germânico

**Zusammenfassung:** Das Ziel dieses Beitrags ist es, die „deutsche“ Gesellschaft – vor allem das universitäre System und auch die Studenten – am Ende des Mittelalters darzustellen. All das mittels der von Sebastian Brant (1457-1521) geschriebenen Satire, die man in seinem größten Werk, *Das Narrenschiff*, finden kann.

**Schlüsselwörter:** Narrenliteratur, Sebastian Brant, Holzschnitt, Satire, Heiliges Römisches Reich

---

<sup>1</sup> Bacharel em Letras: Português-Alemão pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Literatura da Idade Média (NIELIM).

## 1. A Literatura dos Tolos (*Narrenliteratur*)

Estilo literário tipicamente “alemão”<sup>2</sup>, surgido na região da Alsácia no fim do século XV altamente popular e de cunho didático, moralizante e satírico, que apontava as falhas e pecados dos homens, tais como a futilidade e a blasfêmia, através de uma visão extremamente caricata e exagerada.

Uma das grandes motivações para que se escrevesse sobre o tema é o período de transição por que passava a Europa dos fins do século XV. Ainda nessa época, os valores medievais estavam muito presentes e, no entanto, vê-se e vivencia-se o progresso das ideias Humanistas.

A reflexão acerca dos vícios humanos revela o esforço dos autores da *Narrenliteratur* não só em apontar os maus hábitos, como também em tentar trazer de volta os valores que, na concepção desses autores, estariam sendo deturpados.

As obras da *Narrenliteratur* foram escritas em forma de poema, popularizando-se nas camadas mais baixas da sociedade devido ao fato de, ao serem lidas, poderem seus temas e críticas inerentes ser apreendidos com certa facilidade. Esse aspecto levou a *Narrenliteratur* a se difundir amplamente no cenário europeu de então.

Várias obras se destacaram pelo cunho satírico que possuíam, como *A Nau dos Tolos* (Sebastian Brant), o *Elogio da Loucura* (Erasmus von Rotterdam), *Dos Grandes Tolos Luteranos* (Thomas Murner), *O Anel* (Heinrich Wittenwiler) e a compilações de sermões de Johann Geiler von Keiseberg.

## 2. A Nau dos Tolos (*Das Narrenschiff*)

Publicada em 1494 em Straßburg, então pertencente ao Sacro Império Romano-Germânico, *A Nau dos Tolos* é uma das principais obras da Literatura dos Tolos (*Narrenliteratur*). Nela, Sebastian Brant tece críticas ferrenhas à sociedade europeia – e por que não ao ser humano? – no final do século XV no tocante à decadência da fé e do Sacro Império Romano Germânico (BEUTIN, 1993: 106), compara a vida a um carnaval e convida o leitor a entrar em sua nau para, com os personagens, navegar à Narragônia, a terra dos tolos.

---

<sup>2</sup> O termo “alemão” é considerado anacrônico para esta época, uma vez que Alemanha como um Estado constituído não existia antes de 1871. Vários reinos existiam no território então conhecido como Sacro Império.

Ao longo da obra, Brant faz várias referências aos trechos bíblicos, ao *Corpus juris canonici* e a personagens históricos, como, por exemplo, o famoso Rei Nabucodonosor, para sustentar os seus argumentos.

Em relação à Bíblia, nota-se que Brant tem preferência pelo Antigo Testamento ao Novo Testamento, sobretudo os livros *Provérbios* e *Eclesiastes*, e em relação à Antigüidade, percebemos a presença forte de grandes nomes da Antigüidade Romana e da Alta Idade Média como Horácio, Ovídio, Virgílio, Juvenal, Sêneca, Cícero, Catulo, Pérsio e Boécio.

Um dos fatores que contribuiu para tornar o livro um dos primeiros “*best-sellers*” da história foi o uso das xilogravuras, produzidas, em sua maioria, pelo artista alemão Albrecht Dürer, as quais retratam os diferentes tipos de tolice, fazendo com que a obra não fique somente restrita ao elemento textual.

Até o século XVII, *A Nau dos Tolos* foi uma das obras mais lidas dentro do espaço germanófono, e inclusive Geiler von Kaisersberg, famoso pregador da Catedral de Straßburg, a utilizou como fonte de inspiração para seus sermões.

Pelo fato de Sebastian Brant ter certo domínio tanto da linguagem culta (Brant segue as regras da retórica), quanto da linguagem popular, *A Nau dos Tolos* apresenta os dois aspectos de uma forma unificada, o que agradou bastante as classes eruditas e populares.

### 3. A *Narrenschiff* histórica

Segundo o filósofo francês Michel Foucault em seu livro *História da Loucura (Histoire de la Folie à l'Âge Classique)*, as ditas naus dos tolos de fato existiram. Ao que consta, tratava-se de embarcações que transportavam de uma cidade para a outra os indivíduos portadores de doenças psiquiátricas que eram marginalizados pela sociedade europeia do século XV (FOUCAULT, 2007: 9).

O Sacro Império Romano-Germânico teve uma presença bastante significativa no que tange ao transporte dessa carga insana. De acordo com documentos, havia na cidade de Frankfurt am Main, por volta do ano de 1399, um louco que caminhava nu pelas ruas. Posteriormente, este mesmo indivíduo foi transportado por barqueiros até outro local em que pudesse estorvar uma outra população. Ainda em Frankfurt, um indivíduo mentalmente comprometido foi levado para outra cidade por vias fluviais e,

para o azar dos moradores, retornou duas vezes ao seu habitat de origem (FOUCAULT, 2007: 9).

Era bastante comum os barqueiros e marinheiros transportarem em suas naus pessoas loucas e despachá-las antes do tempo previsto para um lugar não selecionado previamente pelas autoridades municipais. Ao se perderem, os loucos tornavam-se prisioneiros de suas próprias partidas.

O transporte pela água é de vital importância, pois, segundo Foucault, além de fazer com que as pessoas se percam, ela tem a capacidade de purificar. Em outras palavras, a água e a loucura estarão ligadas por muito tempo nos sonhos do homem europeu (FOUCAULT, 2007: 12), como podemos ver em *Tristão e Isolda* no momento em que Tristão, disfarçado de louco, se deixa levar até a Cornualha por marinheiros. Em *Hamlet*, Ofélia, possuída pela loucura, tira a sua própria vida através de uma morte bastante singela por meio d'água.

É importante ressaltar que o médico escocês George Cheyne em seu livro *A Doença Inglesa (The English Malady)*, de 1733, afirmava que a melancolia inglesa era influenciada pelo clima marinho, pois, como dizia, “o frio, a umidade, a instabilidade do tempo, todas essas finas gotículas de água que penetram os canais e as fibras do corpo humano e lhe fazem perder a firmeza, predispõem à loucura” (FOUCAULT, 2007: 13).

Além das naus, também existiram as *Narrtürmer* (torres dos loucos), sobretudo nas cidades de Lübeck e Hamburgo, ambas cidades pertencentes ao Sacro Império Romano-Germânico e expoentes da Hansa. Estas torres foram construídas com o fim de abrigar os loucos nascidos naquelas cidades, enquanto que os “loucos estrangeiros” eram obrigados a viver em errância.

#### 4. O Sábio e o Tolo na Literatura Medieval

O início da busca pela definição de *sábio* e *tolo* não surgiu a partir da chamada *Narrenliteratur* (Literatura dos Tolos), também incluindo o longo poema *Das Narrenschiff*, do alemão Sebastian Brant, uma vez que gregos e latinos, como, por exemplo, os comediógrafos latinos Plauto e Terêncio, já procuravam tratar do assunto através da ótica literária e estabelecer uma comparação entre o que é sábio e o que é tolo.

Para que possamos observar que Brant não foi inovador no âmbito da produção de obras que condenam os vícios humanos, chamando e tratando por *narr*, *tore*, *affe*,

*esel* e *gouch* (tolo/louco, doido, macaco, asno e cuco, respectivamente) aqueles que ainda cometem erros mundanos, temos o longo poema moralista do tirolês Hans Vintler, *Pluemen der Tugend* (*Blumen der Tugend*, em alemão moderno e *As flores da virtude*, em vernáculo). Neste poema, cuja publicação se deu em 1411, Vintler faz várias críticas acerca dos vícios que assolavam a nobreza da época e, conseqüentemente, também realiza uma autognose do eu (auto crítica), uma vez que ele mesmo também fazia parte da realeza, pois possuía o título de cavaleiro. Da mesma forma, Sebastian Brant se insere na própria crítica ao dizer as seguintes palavras no capítulo 115, de nome *Protesto*<sup>3</sup>: “*Es kan nit yeder narren machen / Er heiß dann wie ich bin genant / **Der narr Sebastianus Brant***” (*Nem todos os tolos podem fazê-lo* [conseguir escrever um poema do nível d’*A Nau dos Tolos*] / *Ele* [aquele que modificou o poema original] *se chama, pois, assim como eu / **O tolo Sebastian Brant***).

Outras obras de cunho semelhante precisam ser evidenciadas, uma vez que nem todos ouviram falar ou tiveram contato com elas. São:

- *Doctoratus in stultitia* (*Doutorado em tolice*, escrito por Felix Hemmerlin com o fito de difamar um inimigo seu);
- *Die acht Schalkheiten* (*As oito travessuras*, ou seja, oito prospectos rimados acompanhados de xilogravuras publicados por volta de 1450 por autor anônimo);
- *Speculum stultorum* (*O espelho para os tolos*, de Nigel de Longchamps, também conhecido como Nigel Wireker, publicado na Inglaterra durante o século XII. Wireker critica aqui os clérigos a partir da figura de um asno que procura por um rabo maior e que também viaja para outros países, formando assim uma nova ordem, a qual ele controla da forma que bem quer;
- *Order of Fools* (*Ordem dos tolos*, de John Lydgate, publicado no século XV)

## 5. As Xilogravuras

Xilogravuras, ou *Holzschnitte*, em alemão, são imagens feitas por meio de pranchas de madeira gravadas em relevo. No caso do *Das Narrenschiff*, foram criadas,

---

<sup>3</sup> - Esse capítulo não existe na versão original, pois foi especialmente escrito na edição de 1499 com o fim de criticar as mudanças feitas nos versos presentes em edições não autorizadas do livro.

na maior parte, por Albrecht Dürer, que esteve em contato com Sebastian Brant na cidade suíça de Basel entre 1492 e 1494. É certo o fato de ambos terem se encontrado em Antuérpia, na Bélgica, em 1520, quando Dürer retratou o alsaciano.

Contudo, ainda é discutível se Dürer participou ou não da produção das xilogravuras. Entretanto, algumas evidências indicam que pelo menos cinco ou seis artistas estavam envolvidos, porém, é certo o fato do principal artista ter sido responsável por cerca de setenta e cinco xilogravuras (ZEYDEL, 1988: 19-21).

Alguns eruditos acreditam que o próprio Brant tenha preparado algumas xilogravuras, contudo, ele não tinha nenhuma habilidade como artista (ZEYDEL, 1988: 20-21). Como resultado, encontramos algumas reproduções de caráter bem inferior em relação às de Albrecht Dürer.

Sem dúvida, pode-se dizer que tais gravuras foram um dos motivos que tornaram o longo poema de Sebastian Brant um dos maiores *best sellers* em língua alemã<sup>4</sup>

Alguns livros já haviam recebido gravuras como forma de tornar a leitura um pouco mais interessante (como *Pluemen der Tugend*, de Hans Vintler), mas nenhum outro ousou tornar mais atraente esse recurso visual como ocorreu no *Das Narrenschiff*. Para compararmos a qualidade das gravuras, observemos:



**Imagem 1:** *Pluemen der Tugend* (As flores da virtude), 1411.

Fonte: <http://www.aeiou.at/aeiou.history.docs/007377.htm>, acesso em 30 de Janeiro de 2012.

<sup>4</sup> Como sabido, *Das Narrenschiff* foi o livro mais lido do Sacro Império Romano Germânico antes da publicação de *Os sofrimentos dos jovem Werther*, de Johann Wolfgang von Goethe, publicado 280 anos mais tarde, em 1774

A figura acima nos mostra um pavão com calda em forma de roda entre dois homens vestindo trajes notáveis. Percebe-se claramente que a figura foi feita à mão através de tinta e pena. Comparadas a essa figura, as xilogravuras presentes no *Das Narrenschiff* nos mostra uma estética mais refinada, uma vez que a criação de xilogravura exige um pouco mais do artista.

Eis aqui a xilogravura ligada ao saber erudito da Baixa Idade Média feita por Albrecht Dürer:



**Imagem 2:** O Saber Erudito (BRANT, 2006:101).

Pode-se notar a partir da xilogravura que existem dois estudantes (lado direito) e um mestre (lado esquerdo). Ao que parece, ambos os jovens estão com os guizos na mão (uma das marcas típicas dos loucos), ao passo que o mestre, também portador do guizo, lê um livro e tenta passar adiante um conhecimento que, aos olhos de Brant, é considerado inferior e não digno de ser transmitido às próximas gerações intelectuais.

Curioso também é o fato de que todos aqueles ligados à erudição não serem retratados com o símbolo máximo da loucura e tolice estabelecida por Sebastian Brant: o gorro dos tolos com suas orelhas de burro e guizos na ponta.

Segue abaixo a sátira pertinente à xilogravura acima:

[27]

*Quem a Arte correta não quer estudar,  
De forma bem feita guizo há de tocar  
E pela corda dos tolos irá se guiar*

### **Dos estudos inúteis**

Não irei sequer os estudantes poupar:  
Como recompensa, o capuz eles vão usar,(1)  
E no momento em que estão o gorro vestindo,  
Por trás já aparece o rabo saindo,(2)  
Pois quando deveriam com afinco estudar,  
Preferem, então, como criança (3) se portar.  
Da Arte nada quer a juventude apreender;  
Prefere agora por si só aprender  
Aquilo que é infrutífero e inservível.  
Os mestres também estão nesse nível,  
Pois da correta Arte não querem cuidar  
Querem somente a inútil loquacidade cultivar:  
Se dia ou noite era? (4)  
Se o homem um burro fizera?  
Se devem Sortes (5) ou Platão acompanhar?  
Nas escolas, o ensino está para se comprar.  
Não é tolo e bem burro quem  
Dia e noite com isso se detém,  
Quem crucifica a si próprio e outra criatura  
E não estima uma arte de elevada estatura?  
Eis o motivo de Orígenes (6) criticar  
Aqueles que costumavam às rãs se assemelhar,  
E também aqueles que como as moscas agiam,  
E que, como sabido, o antigo Egito afligiam.  
Assim procedem os estudantes em Viena,  
Em Leipzig, Erfurt e em Basel também (ai que pena!).  
Em Heidelberg, em Mainz (7) e em todos os lados,



Por fim voltam eles para casa prejudicados.  
Desta forma está consumido o dinheiro  
Logo, na gráfica (8), estou prazenteiro,  
E também porque sei servir vinho:  
O João vira, então, o Joãozinho.  
Bem investido está o vintém,  
E feliz com o gorro está o tolo também!

(Tradução: Felipe André Gomes Santos)

## 6. Notas De Tradução (“Dos Estudos Inúteis”)

1. Como recompensa por ter dado valor ao estudo inútil, os estudantes usarão o capuz dos tolos.
2. Referência aos vocábulos *affe* (macaco) e *esel* (burro), que eram utilizados nos países de língua alemã para fazer menção àqueles que se comportavam como tolos.
3. O verbo original é *bubelieren*, ou seja, agir como um menino (*Bube*, em alemão).
4. Exemplos ridículos do método sofista de ensinar.
5. Abreviação escolástica para *Sócrates*. Brant se utilizou desta forma muito provavelmente para mostrar a tola forma sofista de ensinar encontrada nos livros escolásticos de sua época.
6. Orígenes (por volta de 185-253 d.C.): figura histórica. O erudito da Igreja antiga comparou, em sua Homilia, a Dialética, com base em sua verbosidade sem conteúdo, com moscas, e os poetas, com rãs. É provável que Brant tenha retirado esta crítica do *Decretum Gratiani* (1, 37, 7).
7. Leipzig, Erfurt, Heidelberg, Mainz (todas na atual Alemanha), Viena (Áustria) e Basel (Suíça): cidades universitárias tradicionais que, na época, pertenciam ao Sacro Império Romano Germânico.

8. Os estudantes inteligentes costumavam trabalhar em gráficas por causa da formação intelectual que tinham. (SERNA, 1998: 127)

### 7. Sucinta Análise Crítica “Dos Estudos Inúteis”

Sebastian Brant mostra-se particularmente espirituoso nesta sátira ao começar o poema com o verso “*Não irei sequer os estudantes poupar*”. É a partir desta concepção que Brant faz com que nós, leitores, nos sintamos à vontade, e enfatiza que, a partir daquele momento, o seu maior artifício – a ironia – estará dominando todo o desenrolar de sua poesia lúdica, porém séria.

Ao dizer que todos os estudantes portarão o capuz de tolo, pelo fato de perderem tempo com algo que, como ele mesmo afirma posteriormente, “*é infrutífero e inservível*”, Brant também estabelece uma comparação pertinente à mentalidade da época, em outras palavras, ele compara os estudantes com macacos e burros, pois eram justamente esses vocábulos que designavam aqueles que se portavam de maneira tola e insensata. Ora, já que esses mesmos estudantes são “macacos” e “burros”, eles mesmos fazem questão de deixar o “*rabo*” (verso 04) aparecer.

Não satisfeito em motejar os estudantes, o autor do poema também atinge aqueles que transmitem o conhecimento denominado inútil: os mestres. A culpa da juventude não valorizar aquilo que precisa ser valorizado é justamente de quem transmite um conhecimento medíocre que se resume ao método sofista de ensino utilizado nas universidades da época. Para deixarmos bem claro, sofisma é a arte de falar em público que surgiu na Grécia antiga. A técnica sofista tem como meta ganhar a qualquer preço uma discussão através de argumentos que fazem com que a pessoa replicada caminhe em direção ao erro.

“*Se o homem um burro fizera?*” é um verso que comprova a ideia de perpetuação da ignorância e necessidade. Através do verso acima, o leitor poderá chegar à conclusão de que o professor é responsável por formar conceitos na mente de seus alunos, conceitos esses totalmente novos ao aprendiz. Pelo fato de ensinar algo indigno de mérito e de ser aprendido, o estudante acaba absorvendo as ideias a ele transmitidas, e, futuramente, esse mesmo estudante passará adiante a sua própria bagagem cultural, imortalizando assim o estudo inútil, como o próprio título sugere.

Em determinado momento, a crítica torna-se ainda mais séria. Brant apoia-se nas ideias de Orígenes da Alexandria, um antigo erudito da Igreja, e afirma que aqueles que se preocupam apenas com estudos inúteis são uma verdadeira praga para a humanidade e os compara, mais uma vez, com duas das sete pragas que assolaram o Egito (“*Eis o motivo de Orígenes criticar / Aqueles que costumavam às rãs se assemelhar, / E também aqueles que como as moscas agiam, / E que, como sabido, o antigo Egito afligiam.*”).

Fazendo essa variação entre sério e jocoso, Sebastian Brant mais uma vez volta ao seu humor irônico, e não mais violento, dizendo que esse espécime de tolo está espalhado por todos os lugares, sobretudo em cidades universitárias do próprio Sacro Império Romano Germânico. Leipzig, Erfurt, Mainz, Viena, Heidelberg e Basel (cidade onde o próprio autor estudou), todas configurando-se nos diferentes palcos em que podemos encontrar esses tolos, e é nesse tipo de ambiente em que “*está consumido o dinheiro*”, em outras palavras, o dinheiro gasto nas universidades não traz nenhum benefício.

É de se notar que, quase no fim do poema, existe uma gradação clara, a decaída profissional do estudante tolo. Por não obter sucesso naquilo que almejou, o estudante começa, então, a trabalhar em tabernas servindo vinho. Todavia, aquilo que consideramos mais curioso é que o aprendiz é tão tolo que, mesmo vendo que tudo deu errado e que o dinheiro gasto foi em vão, se alegra com um emprego não tão bem qualificado, pois era de se esperar que conseguisse um cargo mais elevado. Outra vez Brant faz uma brincadeira ao dizer que “*o João* [o estudante universitário de renome] *vira, então, o Joãozinho* [um simples servidor de taberna]”, e termina o poema declarando que o tolo é, em verdade, um “bobo alegre” (“*Bem investido está o vintém / E feliz com o gorro está o tolo também*”).

## 8. Considerações Finais

Procuramos, com este trabalho, descobrir um pouco como operava a mentalidade do homem erudito, neste caso, mais especificamente a do próprio Sebastian Brant, no que tange à sociedade em que viva.

Com relação à tradução do capítulo XXVII, “Dos estudos inúteis”, é importante ressaltar que foi um trabalho fatigante a beirar, por vezes, o impossível. Comprendemos que cada língua possui sua individualidade, contudo, é importante

destacar como a língua com a qual trabalhamos funciona de modo muito distinto ao português. Diversas foram as palavras ou expressões que tentamos encontrar no léxico português e falhamos na forma, embora não no conteúdo. Entretanto, conseguimos, por fim, superar todas as barreiras linguísticas e podemos enfim transmitir aos leitores uma experiência literária que esta obra tão digna de tradução pode passar às futuras gerações.

## 9. Bibliografia

- BEUTIN, Wolfgang. **História da Literatura Alemã**. Lisboa: Edições Cosmos, 1993.
- BRANT, Sebastian. **Das Narrenschiff**: Studienausgabe. Stuttgart: Philipp Reclam Verlag, 2005.
- BRANT, Sebastian. **Das Narrenschiff**. Stuttgart: Philipp Reclam Verlag, 2006.
- BRANT, Sebastian. **La Nave de los Necios**. Tradução de Antonio Regales Serna. Madrid: Ediciones Akal, 1998.
- BRANT, Sebastian. **A Nau dos Insensatos**. Tradução de Karin Volobuef. São Paulo: Editora Octavo, 2010.
- BRANT, Sebastian. **The Ship of Fools**. Tradução de Edwin H. Zeydel. New York: Dover Publications, 1988.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Médio Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- KOHNEN, Mansueto. **História da Literatura Germânica**. Volume 1. Rio de Janeiro: Editora Mensageiro da Fé, 1960.
- VERGER, Jacques. **Homens e Saber na Idade Média**. São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.
- WATANABE-O'KELLY, Helen. **História da Literatura Alemã**. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, 2003.
- RUPPRICH, Hans. **Geschichte der deutschen Literatur. Vom späten Mittelalter bis zum Barock**. Band IV/1. München: C.H. Beck Verlag, 1973.